

ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS NO *BLOG* DE UM PROGRAMA DE RÁDIO

Wanda Maria Braga Cardoso

wandabc@hotmail.com

<http://lattes.cnpq.br/4194911777649926>

RESUMO

Este trabalho investiga algumas estratégias discursivas utilizadas no *blog* de um programa de rádio, com objetivo de verificar como são enunciadas expressões que caracterizam o programa em questão. Analisamos três postagens, selecionadas de modo aleatório, para caracterizar as estratégias discursivas. O resultado revelou um número significativo de expressões populares e jogos de linguagem peculiares ao gênero do programa.

Palavras-chave: *Blog*; programa de rádio; estratégias discursivas

INTRODUÇÃO

Este trabalho enfoca a análise do gênero textual *blog* presente na *homepage* do Programa do Muçã, com o objetivo de verificar como o jogo sociointeracional do radialista, buscando sua parceria com ouvintes/interlocutores se encontra refletido na materialidade linguística das postagens, dando ênfase para as estratégias discursivas, tais como as reproduções das expressões do radialista.

Para tanto, assumimos a concepção sociointeracionista de linguagem como um lugar de interação humana, como o lugar de constituição de relações sociais. Assim, a linguagem se faz pela interação comunicativa mediada pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores, em uma dada situação e em um contexto sócio-histórico e ideológico, sendo que os interlocutores são sujeitos que ocupam lugares sociais (BAKHTIN, [1979] 2003).

O programa é transmitido de segunda a sexta, das 17 às 18 horas, pela rádio FM 99.1 e tem como característica preponderante o humor, fato esse que nos instigou a compreender o processo de produção do *blog* versus o papel do locutor, sua voz, único estímulo com que trabalha.

Em pesquisas realizadas sobre o gênero *blog*, Komesu (2005) defende esse gênero textual como o dispositivo permite a qualquer usuário a produção de textos verbais

(escritos) e não-verbais (com fotos, desenhos, animações, arquivos de som), a ação de copiar e colar um *link* e sua publicação na *web*, de maneira fácil e eficaz. Acredita-se, então, que é na superfície textual que se pode projetar o resultado concreto do jogo de atuação interativa e discursiva presentes no referido gênero. Há uma co-construção desses textos envolvendo radialista e ouvinte em um jogo de linguagem característica do programa em tela.

Dessa forma, no decorrer da exposição deste estudo, buscamos rastrear o uso de estratégias discursivas, citados no início dessa interlocução, adotados no curso da interação oral/escrito/radialista que possibilite promover uma sequência de efeitos de sentido desejados pelos ouvintes/interlocutores, presentes no texto do *blog*, mergulhados, assim, radialista/ouvintes em um ‘mar de palavras afins’.

1 GÊNEROS TEXTUAIS

Bakhtin ([1979]2003, p. 280) assegura que o ser humano, em quaisquer de suas atividades, vai servir-se da língua e, a partir do interesse, intencionalidade e finalidade peculiares a cada atividade, os enunciados linguísticos se realizarão de diversas formas. A estas diferentes maneiras de ocorrência do enunciado, Bakhtin denomina de *gêneros do discurso*, uma vez que “cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados” (p.279).

Convém destacar que essa “relativa estabilidade”, que é inerente a certo gênero, leva-nos a compreender como algo passível de alteração, aprimoramento ou expansão. Em relação à linguagem, que é uma atividade verbal, mudanças podem acontecer em função do desenvolvimento social, de influência de outras culturas, ou mesmo de outros tantos fatores com os quais a língua tem relação direta, inclusive com o passar do tempo.

Segundo Marcuschi (2000), os gêneros não são estáticos e, sim, caracterizam-se pela sua dinamicidade e maleabilidade. Observa-se esse fato nas mais variadas realizações textuais no mundo atual. A esse respeito, Marcuschi (2003) afirma que “[...] os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos” (p.19).

Mais adiante, o autor menciona as possibilidades de *hibridismo* de gêneros e caracteriza uma configuração híbrida, denominada de *intertextualidade inter-gêneros*, quando “um gênero assume a função de outro” (2003, p. 31), violando os padrões e subvertendo o modelo de um gênero.

Marcuschi lembra que há muitos gêneros que podem não existir futuramente, enquanto que é provável que sempre surjam novos. Devido a estarmos em plena fase denominada de ‘cultura eletrônica’, certamente surgirão novos gêneros a partir do uso de novas tecnologias, como: rádio, jornal, revistas, TV, *Internet* etc., além do que já podemos identificar como gêneros os artigos, editoriais, videoconferências, *e-mails*, *chats*, *blogs* etc.

Nessa perspectiva, admitindo que os gêneros são formas textuais contextualmente situadas, por meio dos quais são construídas as relações sociais, compreendemos, para efeito da nossa análise, os parâmetros que constituem a cena interativa, uma vez que é na e para a interação que são produzidos os gêneros textuais. Assim, delimitaremos os gêneros textuais, passando para uma incursão no gênero blog.

1.1 BLOG

Blogs são diários eletrônicos ou diários virtuais hospedados em servidores da *Internet*. A expressão *blog* deriva do termo *WEBLOG* – contração entre *WEB* (página na *Internet*) e *LOG* (diário de bordo dos navegadores que anotavam as posições do dia), resultando dessa fusão o “diário íntimo na *Internet*”. A diferença básica entre os antigos diários e os *blogs* está no fato de que estes funcionam como agendas abertas permitindo que outros internautas não apenas leiam, como também, e, sobretudo, insiram comentários sobre o que está escrito. Isso faz com que os *blogs* tenham uma característica distinta dos diários tradicionais que é justamente o segredo. Na verdade, quem escreve confidências ou intimidades em um *blog* intenciona que todos saibam seu segredo.

Esse expediente permite a convivência de várias semioses, como exemplo de textos escritos, de imagens (fotos, desenhos, animações) e de som, além da facilidade

nas edições, atualização e manutenção desses textos em rede, o que muito propiciou para o sucesso e a divulgação dessa ferramenta de interação. Komesu (2005a) chama a atenção para a estrutura textual dos *blogs*, composta por parágrafos curtos e pela publicação das mensagens em ordem cronológica.

Os *blogs* possuem uma relação temporal síncrona, constituída, assim, na simultaneidade temporal entre o que é escrito e o que é veiculado na rede. Para Komesu (2005), as indicações do dia e da hora exata da ocorrência textual, mostradas de modo automático pelo programa, indicam um duplo caráter na atividade de reformulação dessa escrita. Há uma extrema fugacidade nos textos do *blog*, pois, na mesma medida em que ele é eternizado enquanto materializado pelos suportes – da escrita, da *Internet* – ele também é prontamente substituído ou apagado do espaço de sua circulação.

Komesu defende que o *blog* representa um modo de enunciação fundamentado no que ela chama de “publicização de si”, cujo objetivo primordial do enunciador é ser visto. De acordo com essa pesquisadora (p.198), o *blog* instaura “um modo de enunciação fundado na publicização de si na relação com a intimidade construída entre enunciador e co-enunciador”.

2 O HUMOR

O riso é uma das respostas fundamentais do ser humano perante o dilema da existência. Segundo Minois (2003), exaltar o riso ou condená-lo revela a mentalidade de uma época e sugere uma visão de mundo, podendo contribuir para esclarecer a própria evolução humana. Nesse quadro, Minois faz uma perspicaz indagação: “O ser humano tem duas características que o diferenciam dos outros animais: é o único que sabe que vai morrer e que ri. Será que o riso não existe exatamente para consolá-lo dessa amarga tristeza?” (p. 16)

Esse historiador ressalta que, no mundo contemporâneo, estamos imersos em uma sociedade em que ser *cool*, *funny* ou malandro é muito valorizado. A comprovação estaria nos meios de comunicação de massa, que dão grande espaço, praticamente em todo o mundo, à descontração e ao humor. Eles surgem onipresentes na publicidade, nas rádios, nos jornais e nas transmissões televisivas, contudo, segundo o autor, estão distantes das

ruas e do cotidiano das pessoas, ou seja, o riso é exaltado pelas suas virtudes terapêuticas e pela força corrosiva contra qualquer tipo de autoritarismo ou fanatismo, no entanto parece longe do ser humano comum, submerso em problemas existenciais e econômicos. Assim, o riso funciona e é valorizado como válvula de escape.

O riso desenvolve-se em várias modalidades. Há o humor agressivo, o sarcástico, o escarnecedor, o amigável, o angélico. Apresenta-se sob a forma da ironia, do burlesco, do grotesco. É multiforme, ambivalente, ambíguo e seguidamente atemporal. Pode expressar alegria, júbilo, nervosismo, bem como o triunfo maldoso, o orgulho ou a simpatia. Isso faz sua riqueza e sua fascinação, sua natureza inquietante. O estudo de seus efeitos e de suas funções não vem de hoje. Muitos foram os pensadores que, ao longo da história, dedicaram-se a explicar esse fenômeno um tanto inexplicável.

Se, por um lado, o humor é um fenômeno universal, visto que se encontra em todas as sociedades, por outro lado, é algo profundamente particular, uma vez que não há nada que seja universalmente engraçado. Rindo, o homem se esquece de si, das vicissitudes de um mundo de sofrimento e morte. Trata-se de um esquecimento provisório, de um desvio passageiro, que logo o leva de volta para onde estava, para aquilo de que buscava fugir.

Lançando nosso olhar para o teórico russo Mikhail Bakhtin (2002), vamos encontrar na sua obra uma tentativa de produzir uma teorização do grotesco e da cultura carnavalesca, tomando estes como peças-chaves para a compreensão da cultura cômica da Idade Média e do Renascimento. O riso, no contexto de Rabelais, tem função de libertar a sociedade da lógica dominante do mundo. Ele transforma a seriedade, propondo significados que permeiem as trocas da tonalidade da rigidez à comicidade, com caráter de renovação, de morte ao antigo. No cômico, a morte não se revela como uma oposição à vida, mas como uma fase essencial para a renovação, esclarece Bakhtin.

A principal característica dessa festividade que nasceu do povo é a magia da segunda vida. Nela, os papéis desaparecem, as formalidades caem, as distâncias diminuem, o proibido é permitido, o escondido é assumido, o sonho é realizado. Assim, a estratificação dessa sociedade hierarquizada adormece, as classes não se separam, não há dominante ou dominado.

Com esse movimento, essa liberação, essa festa especial que permitia a circularidade, a inversão, a subversão, permitiu-se também a criação de novos elementos de linguagem, uma linguagem especialmente carnavalesca. É a criação de um mundo paralelo, um novo mundo, onde as coisas acontecem fantasticamente, como afirma Bakhtin (2002).

Outra teoria enfocada por esse estudioso é a “Teoria do alívio”, em que o humor é concebido como uma forma de nos libertar, mesmo que temporariamente, das tensões impostas pela moral coletiva. Assim, na visão de Acselrad (2004), supõe-se que a origem do riso está na remoção de barreiras, na sensação de liberdade diante das amarras sociais e culturais. Essa teoria encontra apoio, essencialmente, na relação entre o princípio do prazer e o princípio de realidade tal como postulados por Freud. Dessa forma, o humor teria como propósito driblar a censura repressora, fazer pouco do que nos limita a liberdade, seja sexual ou de qualquer outra ordem.

Dessa forma, Acselrad (2003) defende que o papel do humorista vai além do divertir (fazer esquecer, desviar). É antes “decompor, desmontar, perturbar, desconcertar” (p.8). Esse indivíduo vai mais fundo, além da superfície das coisas, apreendendo e dando a entender sempre mais do que o simplesmente visível. Assim, o riso, o humor não eleva a superioridade humana, mas, sim, a desmascara, mostrando o homem como aquilo que é, “um animal fraco e nu que pensa e se pensa. E, ao se pensar, pensa-se mais do que é” (p.3).

3 O PROGRAMA DO MUÇÃO

A significativa audiência do Programa do Mução levantou-nos a possibilidade de estudo de algumas formas de interação que sustenta e alimenta este programa: *e-mails*, as cartas, telefones, *homepage* do programa, *facebook*, *blog*. A presença efetiva do humor permeando toda a interação entre interlocutores radialista e ouvinte, leva-nos a inferir que esse expediente parece ser a estratégia escolhida e enfatizada pelo PM para conseguir audiência.

O radialista segue um roteiro bem estruturado que direciona todos os quadros, brincadeiras e *merchandising* realizados ao vivo, sempre voltados para a irreverência e o

humor. Nesse caso, o radialista “Mução” é o âncora do programa, cuja voz sexagenária e rouca é o passaporte para entrar em sintonia com seu público-ouvinte. Segundo Ferraretto (2001), o formato de um programa denota a filosofia de trabalho de uma emissora, sinalizando a maneira como ela se posiciona mercadologicamente no plano das ideias. Assim, concebemos o pressuposto de que os feitos realizados em um programa devem basear-se solidamente nas necessidades e na linguagem do público a que são dirigidas. Assemelha-se a um “quebra-cabeça”, ou seja, há uma ideia que se coaduna perfeitamente com a expectativa de um público desconhecido.

Torna-se, portanto, imprescindível o envolvimento do locutor com sua comunidade de ouvinte, e daí conhecer-lhes os gostos, vontades e desejos, para, então, corresponder satisfatoriamente às expectativas deste ouvinte em relação ao programa e torná-lo um companheiro fiel.

Em consonância com os estudos realizados por Xavier (2005), podemos afirmar que o programa em tela é permeado por uma estrutura bem delineada, em uma perspectiva de organização esquemática sequenciada de quadros diversificados, até porque há um propósito em atingir os *gostos e as necessidades* dos ouvintes, confirmados, assim, pelos resultados dos índices do IBOPE.

O programa é veiculado para todo o território nacional, via satélite, retransmitido por outras emissoras e acessível a diversos países, pela *Internet*, já que está também conectado à rede mundial de computadores. A maioria dos quadros acontece ao vivo. Esclarecemos que alguns quadros não são fixos.

Na esteira dessas considerações, como já mencionado, este trabalho está organizado em uma construção de base teórica de natureza sociointeracionista, pois entendemos que a língua é concebida como uma atividade social, cognitiva e eminentemente interativa. O nosso *corpus* foi coletado pela *homepage* do Programa do Mução, <http://blog.mucao.com.br/inicio>. Selecionamos três postagens do *blog*. A escolha foi de caráter aleatório, pois toda a produção escrita do apresentador corresponde ao nosso propósito em demonstrar as estratégias discursivas produzidas pelo locutor para corresponder às expectativas do ouvinte.

Na abertura da *homepage* do Programa <http://www.mucao.com.br/v2/inicio> há alguns *links*, dentre eles, o *Blog*, com o seguinte convite: “Acesse o meu Brógui – Horóscopo do Mução”. Com uma linguagem permeada pelo humor e coloquial, o blogueiro apresentador postou mensagens de Horóscopos, conforme pode se verificar nos *posts* abaixo.

Os exemplos do *corpus* aqui analisados se voltaram para demonstrar situações das postagens em que o radialista e os ouvintes têm um relacionamento estreito, pelo menos, sentem-se com esse direito, fundado em relações sociais de amizade, os quais parecem conservar entre si uma interação contínua.

Seguindo as pistas linguísticas do texto desse evento em estudo, visualizamos, do ponto de vista funcional, algumas estratégias discursivas e interativas, agenciadas pelo radialista/escrevente para seduzir seu interlocutor, de acordo com seu propósito em mente. Observamos que o apresentador mobiliza uma série de estratégias que são peculiares ao programa, são, portanto, materializadas linguisticamente, para o jogo que está sendo jogado entre esses interlocutores. Vejamos os exemplos que se seguem:

LEÃO



28/11/2016 09:26:03
Signo de hoje: LEÃO. O empresário João flanelinha, assim como a policial, Janeide Frouxinha, são leãoionioninos.
Tira-gosto light: Anzol com iscas de peixe
Número para hoje: 20... pra lembrar quantas horas por dia uma fuxiqueira passa na janela.
Anjo de hoje: Barquiel... esse anjo alimenta esperança com Whey Protein e cura bicho de pé em dedo de modelo
Frases do dia: Ontem sonhei com você, hoje vou rezar antes de dormir.

LIBRA



30/09/2016 10:45:54
Signo de hoje: LIBRA. O pipoqueiro de circo, Danton Melo, assim como a cobradora de van de lotação, Karina Bacci, são librarianianinos.
Tira-gosto light: Farofa de cabelo
Número para hoje: 39...a quantidade de chave que tem no chaveiro do porteiro
Anjo de hoje: Purah... Esse anjo tira cheiro de sabonete de motel com laranja cravo.
No amor: Mulher não gosta de curar ferida de amor, ela gosta de meter o dedo
Frases do dia: Mais esperada que sexta-feira, só menstruação atrasada.

VIRGEM

20/09/2016 15:57:39



Signo de hoje: VIRGEM. O gerente de carrinho de cachorro quente, Paulo Zulu, assim como a teste drive de vibrador, Giovanna Ewbank, são virgianianinos.

Tira-gosto light: Casca de feijão na chapa de pedreiro

Número para hoje: 4...pra lembrar em quantas horas um Conga seca atrás duma geladeira.

Anjo de hoje: Guriel... esse anjo protege os animais, mas afoga o ganso se você estiver no motel.

No amor: Para cada princesa há um príncipe e para cada vaca há um boi.

Frase do dia: Pareço inteligente, mas já joguei a colher no lixo ao invés do iogurte.

(Fonte: <http://blog.mucao.com.br/inicio>)

É importante salientar as características das imagens de cada signo. O caráter humorístico relacionado à peculiaridade dos signos correspondentes, como é o caso de um gato assustado, representando o signo de Leão, provocando uma sátira; uma balança quebrada, em alusão ao signo de Libra, o que por si só já denota desequilíbrio, justamente o oposto preconizado por esse signo; e a imagem de uma diaba, associando ao perfil do signo de Virgem, estabelecendo um jogo de linguagem da possível característica desse signo, entre o que representa o vocábulo em sua forma denotativa, como pureza, inocência etc.

Dentre as estratégias discursivas, textuais e interativas do radialista, podemos destacar as expressões utilizadas na abertura de cada signo, quando é feita uma alusão a algum personagem famoso de modo que desqualifica o personagem, como: Signo Leão: “empresário João Flanelinha/policial Janeide Frouxinha”, nesse caso, percebe-se um jogo de linguagem humorístico grotesco; Signo Libra: “pipoqueiro de circo Danton Melo/cobrador de van de lotação, Karina Bacci”; Signo Virgem: “gerente de carrinho de cachorro quente, Paulo Zulu/teste drive de vibrador, Giovana Ewbank. Observa-se, nesse signo, um jogo discursivo entre Virgem *versus* vibrador.

Na sequência, há a expressão “fuxiqueira” (signo Leão), termo utilizado pelo radialista durante o programa quando interage nas brincadeiras com alguma ouvinte; É notória a construção linguística de jogos de linguagem que são permeados por humor grotesco, libertador, subverte a ordem no momento em que transcende a formalidade da linguagem, como: “alimenta esperança com Whey Protein e cura bicho de pé em dedo de modelo/ontem sonhei com você, hoje vou rezar antes de dormir”(Signo Leão); “Mulher não gosta de curar ferida de amor, ela gosta de meter o dedo/Mais esperada que sexta-

feira, só menstruação atrasada”(Signo Libra); “esse anjo protege os animais, mas afoga o ganso se você estiver no motel/ Casca de feijão na chapa de pedreiro”(Signo Virgem).

Esses jogos de linguagem demonstram as várias estratégias discursivas agenciadas pelo radialista/blogueiro para levar a efeito seu intento discursivo: estabelecer com seu interlocutor/ouvinte um contrato para que sua brincadeira seja aceita, uma vez que ela provoca o efeito desejado pelo radialista e perfil do quadro, pois o ouvinte quer ouvir/ler expressões que o comunicador utiliza no decorrer do seu programa, sobretudo no espaço do quadro das pegadinhas, no qual se anunciam todas as instruções de como se deve enviar a brincadeira para ser exibida no programa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi exposto e analisado podemos considerar que os *posts* trazem na sua materialidade linguística marcas que situam a construção do processo interativo desenvolvido pelo radialista/produtor no curso da interação, com um perfil bastante específico: descontraído, carismático, perspicaz e emotivo (CARDOSO, 2008). Nota-se que há um jogo interacional. Não é uma via de mão única. Do outro lado da interação está o ouvinte/navegador do *blog*, apesar de não haver espaço para comentários dos frequentadores da homepage, há a disposição um número de telefone para os participantes interagirem com o convite: “Envie sua fuleragem pro Mução”.

Há um jogo instaurado nas estratégias discursivas elaboradas pelo radialista/escrevente que leva o seu interlocutor/ouvinte a participar da brincadeira proposta por aqueles. Há uma peculiaridade nessa comunicação: esses ouvintes/interlocutores se identificam com a linguagem utilizada pelo radialista.

Na *homepage* e no *blog* as expressões populares utilizadas pelo radialista geram certa identidade no ouvinte/participante, como se esse ouvinte firmasse um contrato de que realmente ouve o programa. De qualquer forma, essas estratégias discursivas, expressões populares estão presentes em bom número na materialidade linguística do nosso *corpus*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACSELRAD, Márcio. O Humor como estratégia de comunicação. In: **XII Reunião Anual da Associação de Pós-Graduação em Comunicação**. Recife: UFPE, 2003. vol. 1

ACSELRAD, Márcio. Humor, esclarecimento e miditadura. In: **Anais do XIII Encontro Anual da COMPOS**, São Bernardo do Campo, SP. vol. 1, 2004.

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992/2003. (Publicação Original 1979).

BAKHTIN, M. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento**: o Contexto de François Rabelais. 5ª ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

CARDOSO, Wanda Maria Braga. **E-mail e carta a um programa de rádio**: um estudo contrastivo. Deutschland/Niemcy: Novas Edições Acadêmicas, [2008]2017.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio**: o veículo, a história e a técnica. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2001.

KOMESU, Fabiana Cristina. **Entre o Público e o Privado**: um jogo enunciativo na constituição do escrevente de *blogs* da Internet. Tese de Doutorado. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros Textuais**: o que são e como se constituem. Recife: UFPE, 2000.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Ângela Paiva et al. (orgs.). **Gêneros Textuais & Ensino**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

MINOIS, Georges. **História do Riso e do Escárnio**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

MUÇÃO. Programa do Mução. Disponível em: <http://www.mucao.com.br/v2/inicio> > Acesso em 03 jul. 2017.

XAVIER, Antônio Carlos dos Santos. **A linguagem do rádio**. Catanduva, SP: Editora Respel, 2005.

SOBRE A AUTORA:

Doutora em Educação, na linha de pesquisa em Aprendizagem, Formação e Inclusão Socioeducativa, com temática de tese que versa sobre as Propostas de Atividades na Língua Oral no Livro Didático de Língua Portuguesa da Educação de Jovens e Adultos. Mestre em Linguística, pela Universidade Federal de Pernambuco. Especialização Lato sensu em Leitura, Compreensão e Produção de Textos, pela Universidade Federal de Pernambuco. Tem experiência na área de Linguística e Educação, com ênfase em Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: Produção textual (oral e escrito), Linguagem de mídias, Linguística de texto, Variações linguísticas, Gêneros textuais, Leitura, Compreensão e Produção de Textos, Análise do Discurso.

Atua como Técnica de Ensino em Língua Portuguesa na formação de professores da Secretaria de Educação de Pernambuco, Professora da DeVry Faculdade Boa Viagem e FOCCA. Integra o NUPEP - Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação de Jovens e Adultos e em Educação Popular - Universidade Federal de Pernambuco.